

VANTAGENS DA EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS NO BRASIL

Abril, 2010



**VANTAGENS DA
EXPORTAÇÃO DE BOVINOS
VIVOS NO BRASIL**

Abril, 2010



ÍNDICE

- 7 EQUIPE
- 9 PREFÁCIO
 - ALCIDES TORRES | ENGENHEIRO AGRÔNOMO E DIRETOR DA SCOT CONSULTORIA
- 11 HISTÓRICO DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ NO BRASIL
- 12 ESTADOS EXPORTADORES
- 13 PRINCIPAIS DESTINOS
- 15 VANTAGENS DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ
- 15 AGREGAÇÃO DE VALOR
- 18 SUSTENTABILIDADE DA ATIVIDADE PECUÁRIA
- 18 LIVRE MERCADO
- 19 PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE GADO EM PÉ NA PRODUÇÃO BRASILEIRA
- 19 PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA NO BRASIL
- 21 REPRESENTATIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE GADO VIVO NA PRODUÇÃO DE CARNE DO BRASIL
- 23 REPRESENTATIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE GADO VIVO NA PRODUÇÃO DE CARNE DO PARÁ
- 25 EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS X EXPORTAÇÃO DE CARNE
- 25 IMPORTADORES DA CARNE BRASILEIRA
- 26 EXPORTAÇÕES ESTADUAIS
- 27 EVOLUÇÃO CONJUNTA
- 27 DEMANDA DE BOVINOS PARA CADA ATIVIDADE
- 28 IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ
- 28 PECUÁRIA EM NÚMEROS NO PARÁ
- 28 PARTICIPAÇÃO DA PECUÁRIA NO PIB ESTADUAL
- 30 EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ E A GERAÇÃO DE RENDA
- 31 OS GANHOS DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ COM AS EXPORTAÇÕES DE ANIMAIS VIVOS
- 31 SITUAÇÃO PORTUÁRIA
- 31 ASPECTOS ECONÔMICOS
- 35 MITOS E FATOS
- 36 CONCLUSÃO
- 38 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



EQUIPE

LEVANTAMENTOS E ANÁLISES:

Alex Santos Lopes da Silva – zootecnista

Gustavo Adolpho Maranhão Aguiar – zootecnista

Hyberville Paulo D'Athayde Neto – médico veterinário

Lygia Maria Pimentel – médica veterinária

Maria Gabriela O. Tonini – médica veterinária, MSc.

Rafael Ribeiro de Lima Filho – zootecnista

COORDENAÇÃO GERAL:

Rafael Ribeiro de Lima Filho – zootecnista

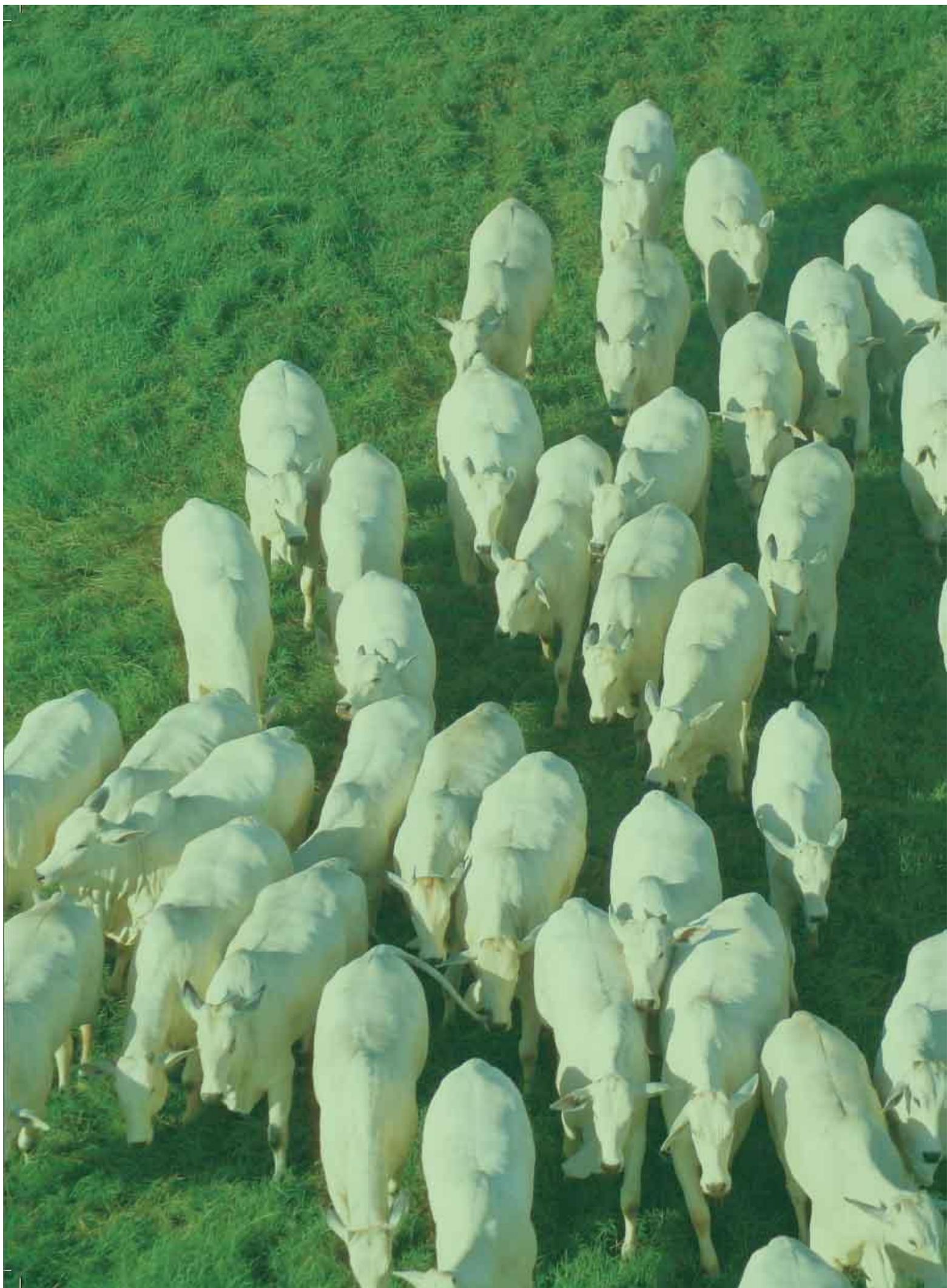
Alcides Torres – engenheiro agrônomo

DIRETORIA:

Alcides Torres – engenheiro agrônomo

Scot Consultoria

As melhores e mais fiéis informações do mercado



PREFÁCIO

ALCIDES TORRES | ENGENHEIRO AGRÔNOMO E DIRETOR DA SCOT CONSULTORIA

A exportação de bovinos vivos é uma grande oportunidade para a pecuária brasileira, em geral, e para os produtores rurais, pecuaristas, em particular.

O rebanho bovino brasileiro é suficientemente grande e bem distribuído para atender a essa demanda. Grande o suficiente para posicionar o Brasil em primeiro lugar na exportação de carne bovina e em quarto lugar na exportação de bovinos vivos.

Somente a miopia acadêmica e empresarial pode se manifestar contra esse mercado, que agrega valor diretamente para o homem do campo, beneficiando o conjunto da sociedade brasileira.

A riqueza não fica restrita ao dono da carne, mas ao dono do boi, seus empregados, fornecedores, aos que prestam serviços e à comunidade aonde aquele animal foi criado, produzido. O repasse é direto.

Qualquer interferência alienígena a esse mercado que se desenvolveu naturalmente, sem ajuda, estímulos oficiais ou qualquer outro tipo de fomento, causará um grande custo social para os brasileiros.

Para os que são do contra, dou a receita para impedir a exportação de bovinos vivo: paguem mais pela arroba.





HISTÓRICO DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ NO BRASIL

O Brasil detém o maior rebanho comercial de bovinos do mundo, é o segundo produtor de carne bovina e o maior exportador mundial de carne bovina.

Além da significativa produção de proteína animal, recentemente, o Brasil conquistou um outro nicho de mercado, a exportação de gado em pé.

Este mercado é, atualmente, dominado por Canadá, México e Austrália.

Vale destacar que o Canadá e o México dependem dos Estados Unidos nesse modelo de comercialização. No caso do Brasil e da Austrália, as exportações de animais em pé não se limitam a países vizinhos.

Até 2002, a participação do Brasil no mercado mundial de bovinos vivos era marginal. O Brasil praticamente não participava desse mercado. No entanto, de 2002 para cá, em sete anos, o país se tornou o quarto maior exportador de bovinos vivos.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), em 2009, o Brasil exportou 518,2 mil cabeças, um aumento de 23.935% em relação a 2003, ano em que esse tipo de comércio começou a engrenar.

Em 2009, o faturamento com as exportações de bovinos vivos foi de US\$ 420 milhões, 14% acima do resultado de 2008. É preciso considerar ainda o efeito da desvalorização do dólar frente ao real em 2009, fator que restringiu a receita.

Projeções do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, sigla em inglês) sugerem que a representatividade brasileira no mercado mundial de gado em pé (*market share*) que, em 2002, era praticamente zero, deva ser de 14% em 2010.

Ainda de acordo com os números do USDA, as exportações de animais vivos do Brasil devem crescer 20% em 2010. Se isso se concretizar, o Brasil deve embarcar 622 mil cabeças.

A Austrália e o Canadá devem continuar líderes neste mercado. Entretanto, estima-se que, em 2010, a quantidade de animais exportados pelos dois países se mantenha estável em relação a 2009, e que a média estimada de crescimento mundial das exportações de bovinos vivos seja de 2%.

Ano	Faturamento (US\$)	Volume (kg)	Cabeças	Média (US\$/cabeça)
2002	1.000	1.190	2	500
2003	740.252	969.750	2.156	343
2004	3.856.229	5.030.221	10.299	374
2005	29.833.240	41.325.464	110.418	270
2006	71.953.881	95.071.389	244.963	293
2007	259.955.687	199.591.415	431.837	602
2008	366.999.681	192.642.410	398.841	920
2009	419.522.109	255.157.666	518.193	810

Tabela 1:
Exportação brasileira de boi em pé.

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

ESTADOS EXPORTADORES

No Brasil, o Pará e o Rio Grande do Sul, até 2005, despontavam como os principais exportadores de bovinos vivos.

A partir de 2006, com o aumento dos preços da arroba nas principais praças pecuárias (Rio Grande do Sul, inclusive), o Pará se consolidou como maior exportador de gado em pé, com 96% do embarque em 2009 (Figura 1).

A praça pecuária da região de Paragominas- PA é a maior região exportadora desde 2006. O Rio Grande do Sul também é um exportador de importância, embora a participação do estado tenha caído.

São Paulo, Mato Grosso do Sul e Amapá, ao longo dos últimos sete anos, também tiveram alguma participação neste mercado, mas com pouca representatividade (Tabela 2).

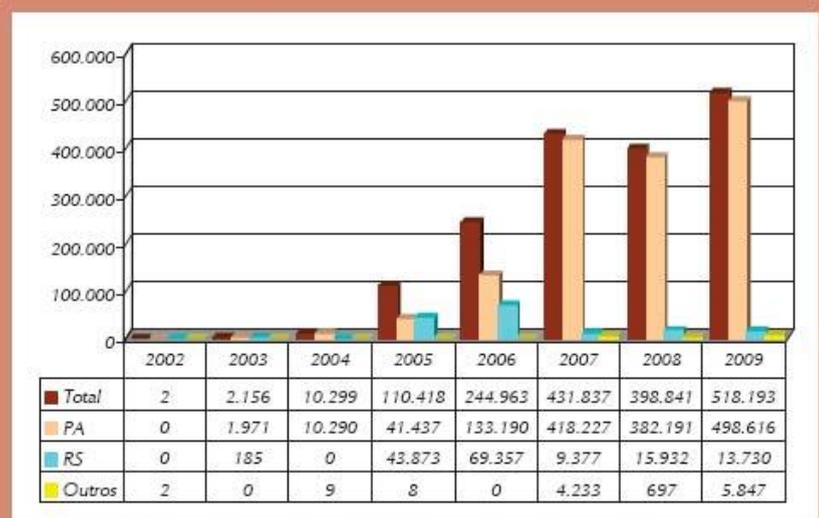
Em 2005, por exemplo, São Paulo respondeu por 23% dos animais exportados. Uma parcela considerável. No entanto, o preço da arroba no estado e a restrição de oferta de animais (o rebanho paulista encolheu 20% entre 2003 e 2009) inviabilizaram a competitividade e, conseqüentemente, a continuidade desse comércio.

Em 2009, o Tocantins enviou 5,7 mil animais vivos para o mercado externo, 1,1% do total exportado pelo Brasil.

A exportação de animais vivos valorizou e trouxe ganhos produtivos e econômicos para a pecuária da região Norte, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento de toda a cadeia pecuária local.

Figura1:

Exportações brasileiras de gado em pé – quantidade de cabeças.



Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Tabela 2:

Participação dos principais estados na exportação de bovinos vivos do Brasil, em volume.

Ano	PA	RS	SP	MS	AP	TO
2003	91,42%	8,58%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
2004	99,91%	0,00%	0,00%	0,09%	0,00%	0,00%
2005	37,53%	39,73%	22,73%	0,01%	0,00%	0,00%
2006	54,37%	28,31%	17,32%	0,00%	0,00%	0,00%
2007	96,85%	2,17%	0,00%	0,18%	0,80%	0,00%
2008	95,83%	3,99%	0,01%	0,17%	0,00%	0,00%
2009	96,22%	2,65%	0,02%	0,00%	0,00%	1,11%

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Esses benefícios, inclusive, chamaram a atenção de outros estados. No Nordeste, a Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia, anunciou no final de 2009 que está implementado a estrutura necessária para entrar no comércio externo de gado vivo.

PRINCIPAIS DESTINOS

Líbano

O Líbano foi durante quatro anos, de 2003 a 2006, praticamente o único comprador de bovinos vivos do Brasil. Nesse período, o número de cabeças exportadas cresceu 11.261%.

Em função de questões religiosas e culturais que envolvem o abate e o manuseio da carne consumida no país, o Líbano é um grande comprador de bovinos vivos.

Venezuela

A partir de 2007, em função de políticas econômicas desastradas, entre elas, o tabelamento de preços, que desestimulam a produção, a Venezuela foi obrigada a importar matéria-prima para abastecer suas empresas locais.

Com isso, por conta da proximidade geográfica, do tamanho do rebanho, além da empatia entre governos, o Brasil tornou-se opção de fornecimento de animais vivos para aquele país.

O volume de animais importados pela Venezuela em 2007, primeiro ano dessa relação comercial estabelecida com o Brasil, foi 35% maior do que o número de animais enviados para o já tradicional importador, o Líbano.

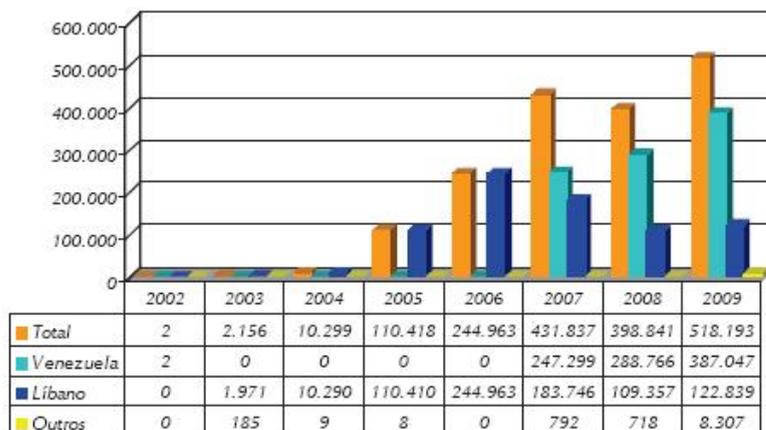
A demanda venezuelana consolidou o mercado brasileiro de exportação de gado em pé.

Em 2009, os venezuelanos compraram do Brasil, três vezes mais do que o Líbano. É importante lembrar que, apesar desse desempenho, nesse mesmo ano, o Líbano aumentou em 12,5% suas importações de gado em pé brasileiro em relação ao ano anterior (Figura 2).

Seguindo uma tendência de crescimento, em 2009, bovinos vivos exportados pelo Brasil começaram a atender também o mercado egípcio. Aproximadamente, 8,3 mil bovinos foram exportados para o Egito.

Figura 2:

Exportação de bovinos vivos por destino – em número de cabeças.



Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br



Existem ainda negociações para abertura de novos mercados como a África e a Europa.

Vale ressaltar que, para exportar bovinos vivos, é preciso obedecer a uma série de protocolos sanitários e de bem-estar animal. O Brasil cumpre esses requisitos, que variam de país para país.

Tais exigências, em alguns casos, são maiores do que as impostas por alguns países para a compra de carne bovina.

Para exportar gado em pé para o Líbano, por exemplo, no certificado zoosanitário devem constar informações sobre o controle de doenças (aftosa, encefalopatia espongiforme bovina, tuberculose bovina e brucelose), o estado clínico de cada animal, o controle de endo e ectoparasitas, o tipo de alimentação a que esses animais foram submetidos (não é permitido alimentação com proteínas de origem animal), a limpeza de todos os veículos utilizados no transporte e até mesmo declarações de

que esses animais foram criados em regiões totalmente livres de radioatividade.

Em certa medida, essas exigências produzem ou resultam em desenvolvimento da pecuária local e de todos os setores ligados à atividade, principalmente, no que diz respeito à aplicação de tecnologia, controle do rebanho e bem-estar animal.





VANTAGENS DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ

Existem inúmeras vantagens na exportação brasileira de gado em pé, considerando o contexto sistêmico do agronegócio pecuário, tais como agregação de valor, geração de renda e sustentabilidade ambiental.

AGREGAÇÃO DE VALOR

Um dos principais argumentos utilizados pelos opositores das exportações de gado em pé é o de que, ao se exportar o animal vivo, deixa-se de agregar valor aos produtos que poderiam ser originados do boi, como carne e derivados.

Essa asserção, em um contexto isolado, pode parecer plausível, mas para se falar em agregação de valor, é preciso considerar todos os elos da cadeia, assim como suas particularidades.

Dessa forma, algumas perguntas pertinentes precisam ser respondidas: ao falarmos de agregação de valor, estamos pensando em toda a cadeia? Nos referimos a quem? Quais são as consequências para todos os elos?

Para ilustrar a agregação de valor na pecuária, observe a figura 3, que demonstra o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio

pecuário, dividido entre os setores de insumos, pecuária (produção), indústria e distribuição.

A análise dos dados indica que, em termos de geração de riquezas, quem dá as cartas é a produção de gado. O PIB gerado no campo supera o dos elos individuais a montante e a jusante da porteira.

E isso não é de hoje. Acontece todo ano há mais de dez anos. Desde a criação do Plano Real, a produção pecuária só não representou

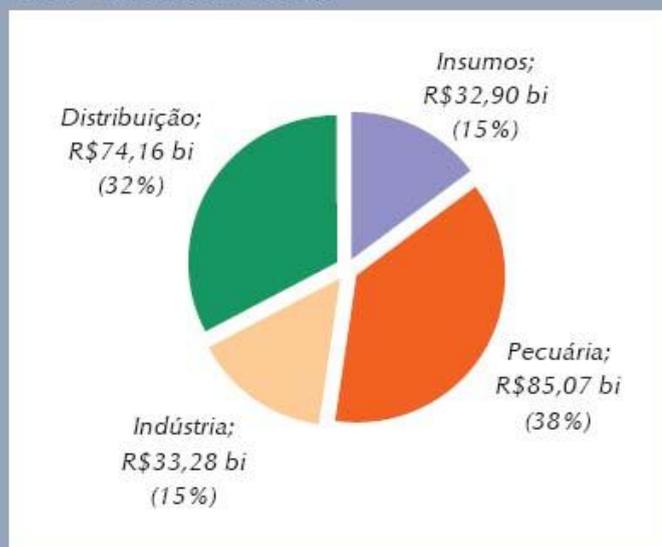
a maior parte do PIB do agronegócio pecuário em 1996 e 1997.

Diretamente atrelada à pecuária está a indústria de INSUMOS, cujo sucesso em termos de produção, vendas, receitas e geração de empregos, está relacionado à renda do campo.

Se o produtor vai bem, a indústria de insumos vai bem, no que convençamos chamar de relação "ganha-ganha". E o contrário também é verdadeiro.

Figura 3:

Distribuição do PIB do agronegócio pecuário em 2008 – em bilhões de R\$.





É clara a relação entre o desempenho dos setores de insumos e a produção do campo (Figura 4).

Se somarmos o PIB desses dois setores interdependentes, insumos e produção no campo, em 2008, a geração de riqueza chega a R\$117,97 bilhões, 255% acima do PIB da indústria.

Vale destacar outro aspecto: a indústria de insumos é, provavelmente, a maior agregadora de valor da cadeia. Um exemplo está no setor de suplementos

mineralizados: a indústria de insumos pega o fosfato bicálcico e outras matérias-primas, por exemplo, e as transforma em um suplemento protéico que levará um garrote a ganhar 250g/dia de peso vivo em pasto seco.

Ela usa a química para transformar uma determinada molécula num vermífugo de longa ação, que combate endo e ectoparasitas por mais de 100 dias. Depois, investe na distribuição desses produtos e na assistência técnica aos seus clientes, os pecuaristas.

Ao vender seus animais para exportação vivos, o pecuarista potencializa seus lucros, pois essa opção paga melhor. O valor é agregado para o pecuarista, o homem do campo. E como vimos, quando a pecuária vai bem, a indústria de insumos também ganha pela possibilidade do pecuarista investir em tecnologia.

Outro ponto importante é a participação destes segmentos na geração de emprego. É indiscutível o número de empregos diretos e indiretos gerados, por exemplo, na indústria de insumos.

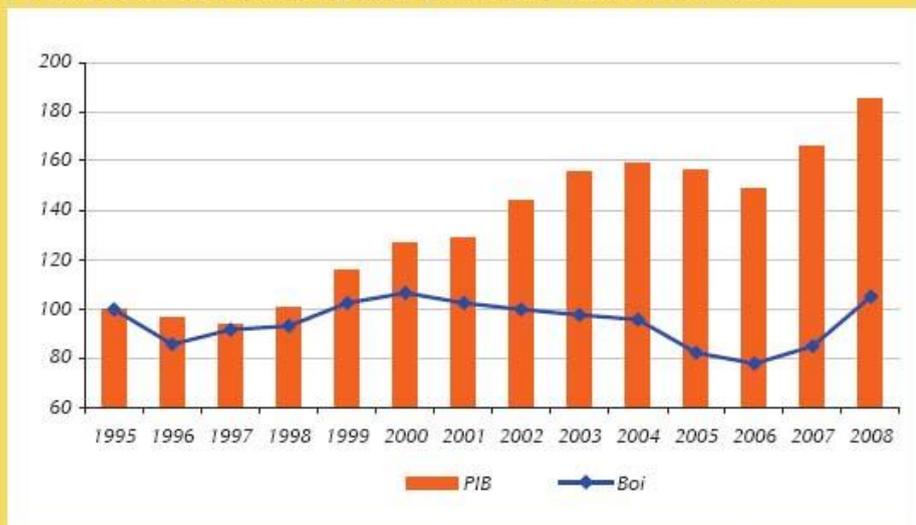
A indústria de insumos inclui os segmentos de produção de sementes, defensivos, fertilizantes, medicamentos, suplementos alimentares, materiais para reprodução, maquinários e equipamentos, entre outros.

Além disso, ainda existem as pesquisas para desenvolvimento de produtos e novas tecnologias, sem falar na conexão com distribuidores e revendas. Diante disso, observa-se a grande importância desse elo da cadeia na questão dos empregos.

Na pecuária, essa importância não é menor. De acordo com estimativas da Scot Consultoria, utilizando a média de um trabalhador para cada 300 cabeças e considerando

Figura 4:

Variações anuais corrigidas dos preços do boi gordo em SP e valor do PIB do setor de insumos para a pecuária. 1995 = base 100.



que o rebanho de bovinos de corte representa 75% do total de animais, tem-se que a pecuária de corte gera mais de 500 mil postos de trabalho DIRETOS nas fazendas, sem considerar os controladores, técnicos e proprietários.

Com a exportação de gado em pé, os elos do setor que mais geram riqueza (insumos e produção pecuária) são estimulados, gerando uma maior agregação de valor (produção de insumos) e renda para o país.

Mas e a agregação de valor pela indústria frigorífica? Será que o desempenho dessa indústria também não está diretamente relacionado à renda da pecuária?

Não, não está. O boi responde por cerca de 80% do custo de produção do frigorífico. Portanto, a indústria frigorífica sempre vai ofertar o preço mais baixo possível (já para a indústria de insumos, o ideal seria que o boi subisse sem parar). Na fase de baixa do ciclo pecuário, ganha a indústria e perde o produtor, sendo que o contrário também é verdadeiro.

O fato de exportarmos mais carne não significa que a pecuária gozará de preços mais remuneradores, gerando emprego e renda no campo e na indústria de insumos. Pelo contrário. Entre 2002 e 2006, as exportações brasileiras de carne bovina aumentaram 137% em volume e 254% em faturamento,

de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e a pecuária amargou um dos piores períodos de sua história.

O boi em São Paulo (maior estado exportador de carne bovina), nesse período, reagiu apenas 13% em termos nominais, com queda de 22% em termos reais. Em junho de 2006, o boi atingiu o menor valor deflacionado pelo IGP-DI dos últimos 50 anos, R\$59,52/@, que corresponde ao valor nominal de R\$50,00/@.

Nesse contexto, fica claro onde a agregação de valor dentro do agronegócio pecuário contribui mais efetivamente para a geração de riquezas ao país.





O argumento da falta de agregação de valor utilizado para combater a exportação de gado vivo não procede.

Então, dizer que a exportação de gado vivo é uma atividade retrógrada e que não leva o país adiante é mentirosa do ponto de vista econômico.

SUSTENTABILIDADE DA ATIVIDADE PECUÁRIA

Outro aspecto importante que se pode depreender das exportações de gado vivo é o estímulo à sustentabilidade ambiental.

A atividade pecuária enfrenta grandes dificuldades na região Norte, como a falta de infraestrutura e leis ambientais rigorosas.

A sustentabilidade ambiental ganhou espaço, sendo o tema central quando se discute os rumos da pecuária nessa região.

Para os pesquisadores envolvidos, está claro que a solução passa pelo aumento da produtividade e emprego de tecnologia, como meio de assegurar o crescimento do uso de novas áreas.

Porém, isso só será possível se existirem estímulos produtivos suficientes que dêem condições de investimento aos fazendeiros da região.

A exportação de gado em pé é um desses estímulos. Fato observado nas mudanças que estão sendo implementadas na pecuária do Pará, com o auxílio do aumento

da renda dos produtores, depois da ampliação das exportações de animais vivos. Adiante, estão disponíveis maiores informações sobre estas mudanças e seus benefícios.

LIVRE MERCADO

Obedecendo aos requisitos legais e normas técnicas, o livre mercado deveria ser a garantia em todos os aspectos.

Não há sentido em impedir o pecuarista de aproveitar a melhor oferta ou o melhor preço de venda da sua mercadoria, minimizar seus riscos através da diversificação de venda ou ainda fortalecer a cadeia no qual está inserido.





PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE GADO EM PÉ NA PRODUÇÃO BRASILEIRA

PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA NO BRASIL

A produção de carne bovina brasileira tem apresentado um crescimento significativo nos últimos anos. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), a produção passou de 6,6 milhões de toneladas equivalente carcaça (tec), em 2000, para 10,2 milhões de tec de carne bovina em 2006, registrando uma taxa de crescimento médio de 9% ao ano no período.

Observe na figura 5, a produção brasileira de carne bovina entre 2000 e 2006.

Além de estar diretamente relacionada ao tamanho do rebanho, a produção de carne no Brasil também cresceu em função da melhoria do nível tecnológico utilizado na pecuária.

Enquanto o rebanho cresceu 21%, a produção de carne aumentou 54% de 2000 a 2006. Houve significativa melhoria dos índices de produção

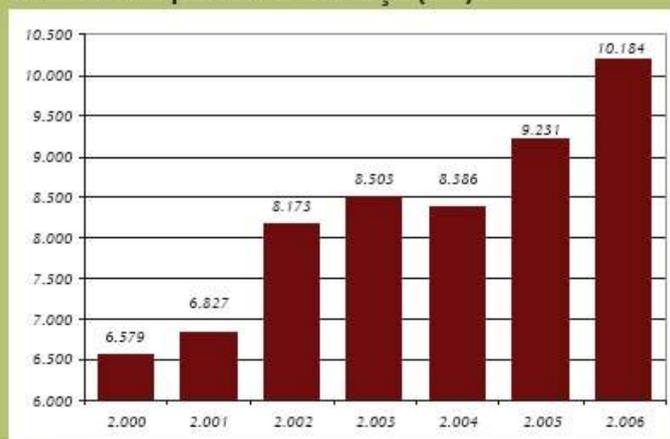
no período. Observe na figura 6, a evolução do rebanho e da produção de carne bovina no Brasil.

O aumento da produção de carne, a partir de um rebanho praticamente estável, foi possível graças à melhoria dos índices zootécnicos.

O número de animais nascidos cresceu em relação ao rebanho de fêmeas em reprodução (melhoria de 6,15% na taxa de natalidade); o número de animais mortos até a desmama caiu 26,5%; a idade da

Figura 5:

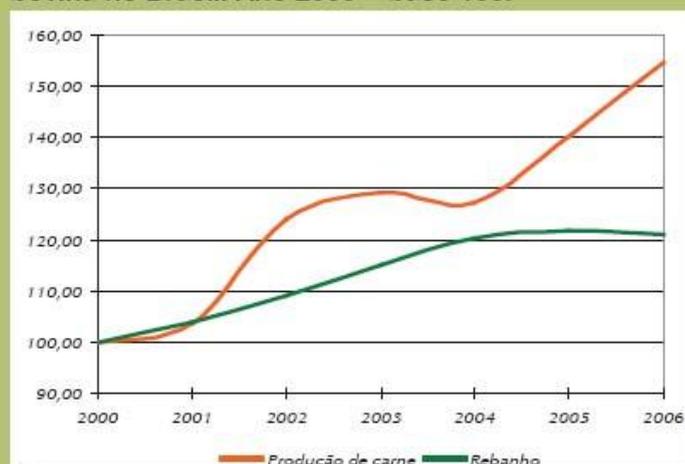
Produção brasileira de carne bovina, em mil toneladas equivalente carcaça (tec).



Fonte: Conab / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Figura 6:

Evolução do rebanho e da produção de carne bovina no Brasil. Ano 2000 = base 100.



Fonte: Conab / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

primeira cria caiu 17,23% e a idade de abate diminuiu 19,5%.

Conseqüentemente, o número de animais comercializados em relação ao rebanho total (taxa de desfrute) melhorou 25% entre 2000 e 2006 (Tabela 3).

Porém, com o aumento da produção e disponibilidade de animais para o abate, os preços da arroba caíram, levando a uma crise sem precedentes. A consequência foi o abate de matrizes, o desinvestimento e a diminuição da produção de carne nos anos seguintes (Figura 7).

Mas mesmo com a produção de carne registrando uma retração de cerca de 7,7% ao ano entre 2006 e 2009, os índices produtivos continuaram a melhorar, porém, em menor intensidade, já que com os preços menos remuneradores, que antecederam e provocaram esse cenário, o produtor se sentiu menos estimulado a investir na atividade (Tabela 4).

A idade ao abate piorou, aumentou cerca de 11% entre 2006 e 2009 porque os produtores, buscando melhor remuneração, em função da queda do preço da arroba, esperaram os animais ficarem mais pesados para enviá-los ao abate.

A queda da quantidade de animais abatidos também aumentou em função do aumento do preço

Tabela 3:

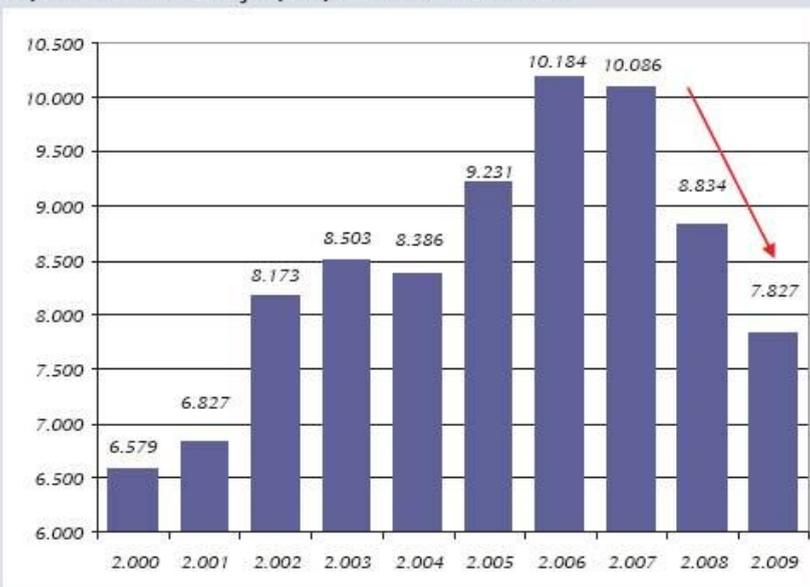
Evolução dos índices zootécnicos na pecuária bovina brasileira entre 2000 e 2006.

Índice	2000	2006	Varição
Natalidade (%)	54,6	58,0	6,15%
Mortalidade até a desmama (%)	8,9	6,5	-26,49%
Idade a primeira cria (anos)	4,2	3,4	-17,23%
Idade ao abate (anos)	5,4	4,4	-19,47%
Desfrute (%)	18,48	22,95	24,17%

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Figura 7:

Produção brasileira de carne bovina, em mil toneladas equivalente carcaça (tec) entre 2000 e 2009.



Fonte: Conab / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br



Tabela 4:

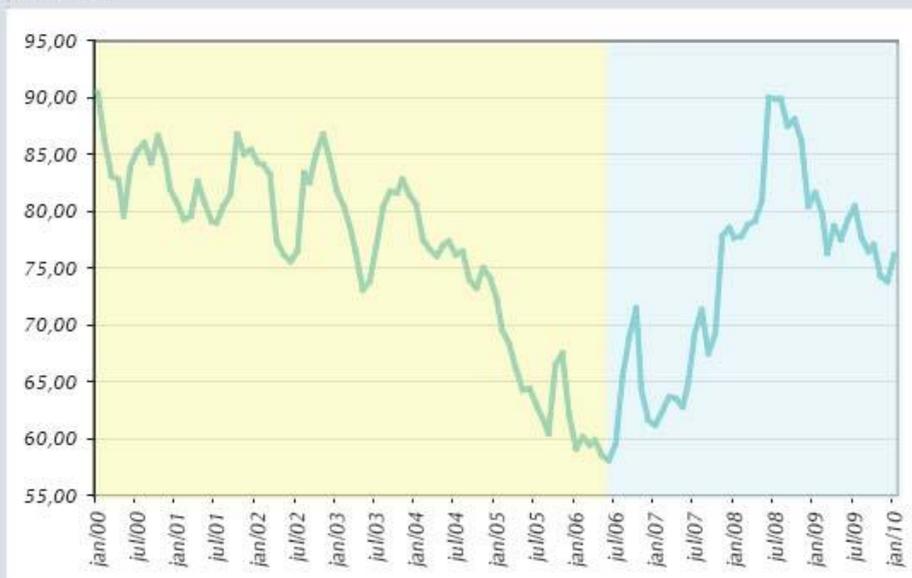
Evolução dos índices zootécnicos na pecuária bovina brasileira entre 2006 e 2009.

Índice	2006	2009	Variação
Natalidade (%)	58,0	61,4	5,95%
Mortalidade até a desmama (%)	6,5	3,8	-41,64%
Idade a primeira cria (anos)	3,4	3,3	-5,23%
Idade ao abate (anos)	4,4	4,8	10,65%
Desfrute (%)	22,95	20,69	-9,84%

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Figura 8:

Preço do boi gordo em São Paulo, em R\$/@. Valores corrigidos pelo IGP - DI.



Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

dos animais para reposição (mais vacas abatidas, menor a produção de bezerras). Os produtores investiram mais e retiveram mais fêmeas no rebanho na comparação com os anos anteriores.

Veja, na figura 8, os preços do boi gordo em São Paulo, nos últimos anos, retratando cotações baixas entre 2000 e 2006 e recuperação nos anos seguintes.

REPRESENTATIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE GADO VIVO NA PRODUÇÃO DE CARNE DO BRASIL

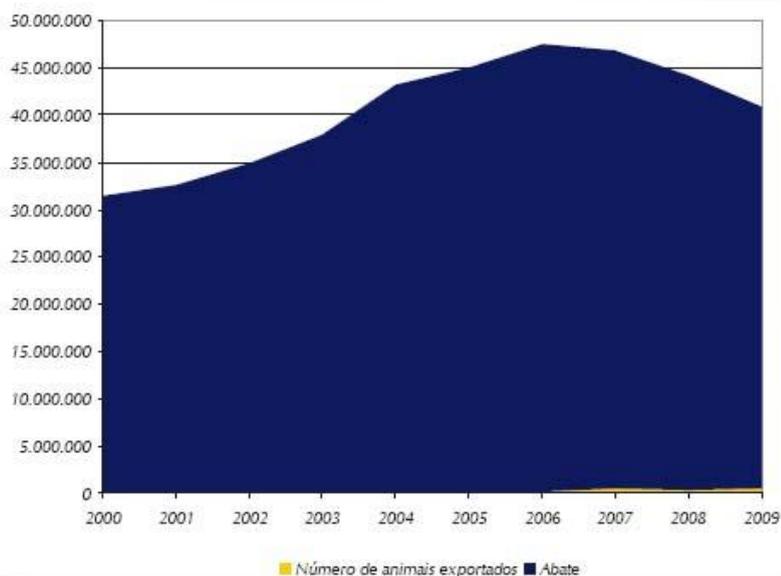
Depois de apresentado o cenário da produção de carne no Brasil, apresentaremos agora a representatividade das exportações de bovinos vivos no total de carne produzida no país.

As exportações brasileiras de gado vivo só tiveram início a partir de 2003, quando o país exportou cerca de 2,2 mil animais. Desde então, conforme descrito, as exportações cresceram exponencialmente ano a ano.

Mas mesmo com esse aumento expressivo, o número de animais exportados tem pequena representatividade no total de gado abatido no Brasil.

Figura 9:
Abate e exportação de bovinos vivos no Brasil - em cabeças.

Fonte: IBGE / MDIC / Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br



Considerando os abates totais (formais e informais), os animais exportados nunca representaram mais do que 1,3% do total abatido no país. Na figura 9, está exposto o número de cabeças exportadas na comparação com o total abatido no Brasil.

Observe que é quase impossível visualizar a parcela de animais exportados vivos, perto da imensa quantidade de gado abatido anualmente no Brasil.

Mesmo em 2009, quando o abate de animais ainda não estava nos níveis de 2006 ou 2007 (recuperação da produção após o período de preços baixos/crise) e a exportação de bovinos vivos havia sido recorde, a representatividade desta atividade não chegou a 1,3%.

Observe na figura 10, a representatividade da exportação de gado vivo no abate total do Brasil nos últimos anos.

Analisando a produção de carne, temos uma situação bastante semelhante ao abate. A representatividade da carne que poderia ser produzida caso os animais fossem abatidos no Brasil, não exportados vivos, é muito pequena quando consideramos a produção total.

Caso os animais não tivessem sido exportados vivos e, ao invés disso,

tivessem sido abatidos no Brasil, haveria um aumento na produção de carne brasileira na ordem de 1,7% em 2009 (Figura 11).

Em volume de carne, o Brasil poderia ter produzido cerca de 132 mil toneladas de carne, caso os animais fossem abatidos internamente ao invés de exportados vivos em 2009.

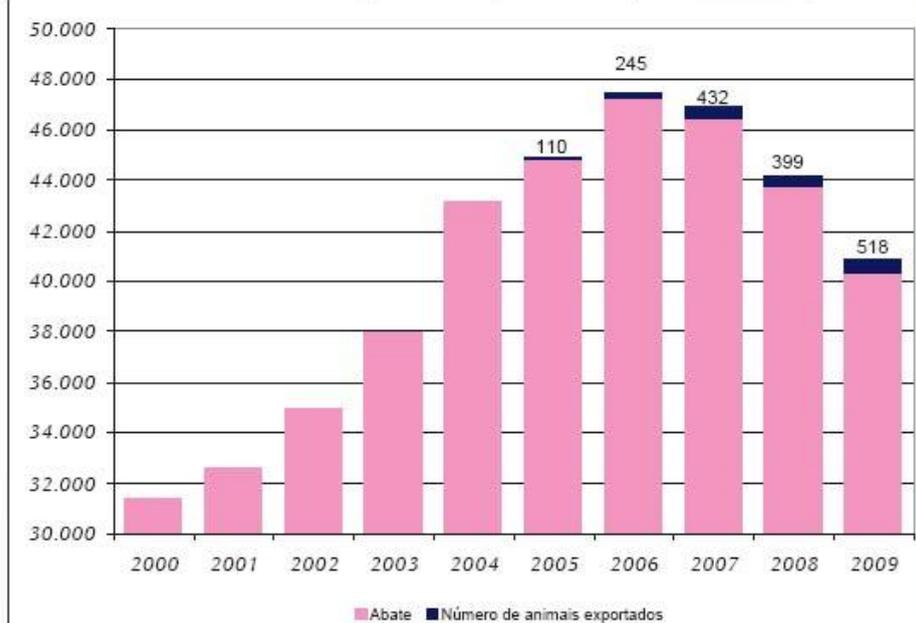
Ao longo de 2009 (ano de maior exportação de bovinos vivos), o total de carne que teria ficado no Brasil

é menor que o volume de carne exportada em um mês (média de 167 mil tec em 2009, e chegou a 215 mil tec em 2007). Conforme mencionado, o aumento na exportação de carne não necessariamente melhora a renda do produtor.

Sob o ponto de vista de melhoria de índices, se o rebanho se mantiver estável em 197,71 milhões de cabeças em 2010 e o desfrute aumentar 1%, teríamos

Figura 10:

Abate e total de bovinos exportados pelo Brasil, em mil cabeças.



Fonte: IBGE / MDIC / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

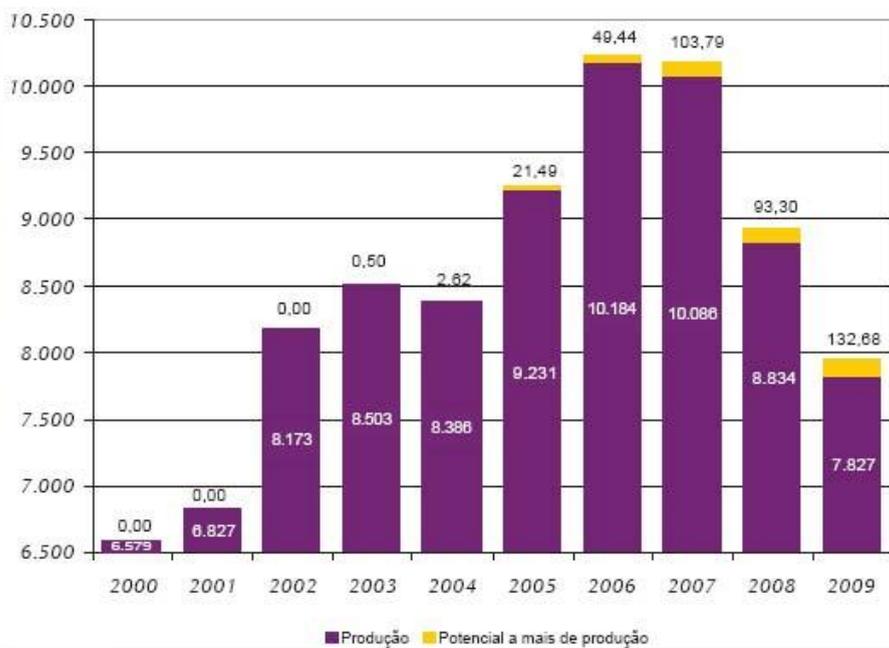


Figura 11:

Produção de carne bovina no Brasil e potencial de crescimento caso os animais exportados vivos tivessem sido abatidos no país, em mil tec.

Fonte: IBGE /

Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

um aumento de produção de carne de 5%, passando de 7,8 milhões para 8,23 milhões de tec.

Isso corresponde a quase 2 milhões de animais: um número quatro vezes maior do que o Brasil exportou de gado vivo em 2009. Lembrando que a melhoria de 1% no desfrute do rebanho significa que, em uma fazenda com rebanho de 100 cabeças, ao invés do pecuarista enviar 20 animais para o abate, ele enviaria 21 cabeças.

Portanto, é pequena a representatividade das exportações de gado vivo no total de carne bovina produzida no Brasil.

REPRESENTATIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE GADO VIVO NA PRODUÇÃO DE CARNE DO PARÁ

O Pará é o grande estado exportador de bovinos vivos no Brasil. Conforme mencionado anteriormente, quase todo o gado exportado é embarcado no estado.

A produção de carne bovina no Pará seguiu o mesmo comportamento observado no Brasil, salvas as ressalvas na intensidade de algumas variações.

De 2000 a 2006, o abate de bovinos no Pará cresceu mais de 50% (lembrando que, no Brasil, o abate cresceu na mesma importância), passando de 2,4 milhões de cabeças para 3,6 milhões de cabeças.

Mas a partir de 2006, com o recuo dos preços pecuários e desestímulo à atividade, o abate no Pará caiu 21%, chegando a 2,8 milhões de cabeças em 2009. Nestes dados estão incluídos abates formais e informais.

A atividade de exportação de boi vivo no Pará ganhou importância a

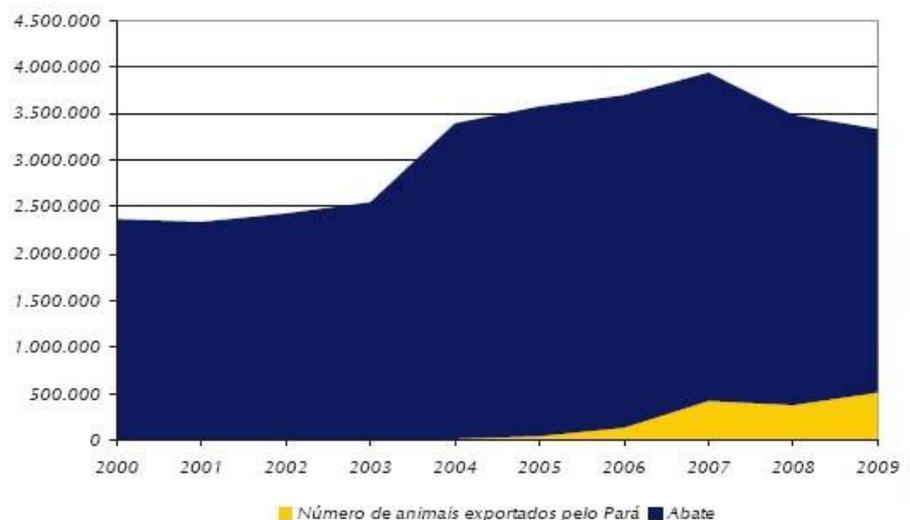
partir de 2006, quando iniciou um crescimento de 280% até 2009. Com isso, a representatividade dos animais exportados comparados aos animais abatidos no estado passou de 4% em 2006 para 18% em 2009.

Na figura 12 está a representação do total de animais abatidos no Pará e o número de cabeças exportadas pelo estado.

Observe na figura 13, a representatividade da exportação no abate do Pará desde 2003, quando as exportações tiveram início.

Figura 12:

Abate e exportação de bovinos vivos no Pará - em cabeças.

Fonte: IBGE / MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

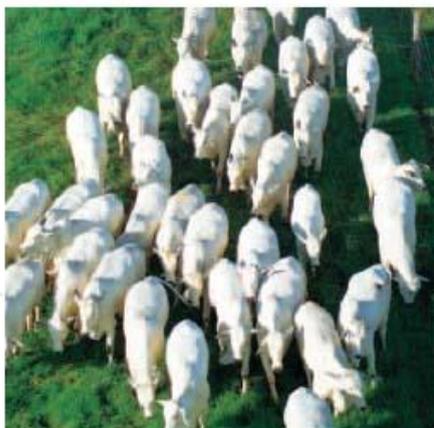
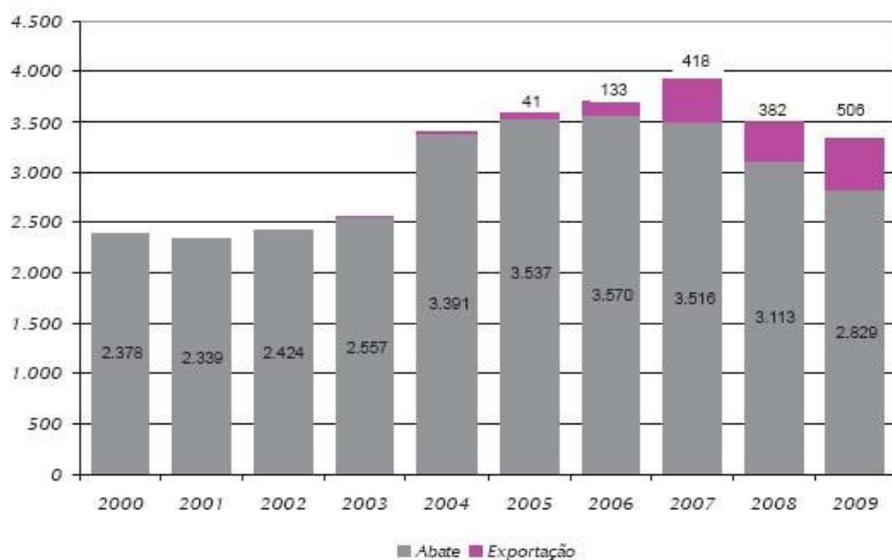


Figura 13:

Abate e total de bovinos exportados pelo Pará, em mil cabeças.



Fonte: IBGE / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

As exportações de carne bovina do Brasil são importantes para manter o escoamento da produção, além de garantir renda quando o mercado interno não absorve a produção.

Mesmo que o gado exportado fosse transformado em carne, provavelmente, esta carne seria destinada a outros estados. O Pará produz muito mais do que consome. É um estado exportador de carne para o mercado interno, externo e de bovinos vivos para o mercado externo.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), o consumo *per capita* de carne bovina no Pará era em torno de 22,4 quilos por ano, em 2003, enquanto a disponibilidade de carne por habitante (considerando a carne produzida no estado), na mesma época, era de cerca de 98 quilos por ano, caindo para 72 quilos por habitante em 2009.

A não ser que o consumo de carne no Pará tenha crescido 222% entre 2003 e 2009, fato difícil de ter ocorrido já que o PIB *per capita* do estado cresceu 20% no período, segundo a Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Pará (SEPOF) e o

consumo de carne está totalmente atrelado à renda da população, tendo um comportamento elástico (BERNARDINO DE CARVALHO et al., 2007), a população do Pará não seria diretamente beneficiada com o aumento da disponibilidade de carne no estado. Esta produção seria destinada a outras regiões brasileiras e do mundo, como já é.

Simulação:

O Pará, com seus 7,43 milhões de habitantes (IBGE, 2009), e considerando um consumo per capita igual à média nacional em 2009 (37,29 kg/habitante – USDA), tem capacidade de absorver 277 mil toneladas de carne anualmente. Essas 277 mil toneladas equivalem a 1,15 milhão de bovinos abatidos (considerando um peso médio de 240 kg de carcaça).

Com o desfrute paraense estimado em 18,9% (Scot Consultoria) e considerando o rebanho de 18 milhões de animais (ADEPARÁ) temos anualmente 3,4 milhões de animais disponíveis para abate. O que gera um “excedente” de 2,25 milhões de animais que têm de ser exportados.

Essa exportação pode ser como animais para abate no exterior ou em outros estados, bem como carne para o exterior ou carne para outros estados.

EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS X EXPORTAÇÃO DE CARNE

O Brasil é o maior exportador de carne bovina. Segundo o MDIC, o Brasil exportou 1.851 mil toneladas equivalente carcaça em 2009.

De acordo com o USDA, em 2003, o Brasil participava com 18% do comércio mundial de carne bovina e hoje possui uma fatia de mercado - *market share* - de 22%. Veja na figura 14 alguns dos principais *players* do mercado mundial de carne.

A participação do Brasil já foi de 29% em 2007. Em 2008, caiu para 24%, chegando aos atuais 22%. A causa desta diminuição foi, principalmente, a queda nas exportações para a União Européia (UE) em função de barreiras sanitárias e a Rússia, vítima da crise global.

IMPORTADORES DA CARNE BRASILEIRA

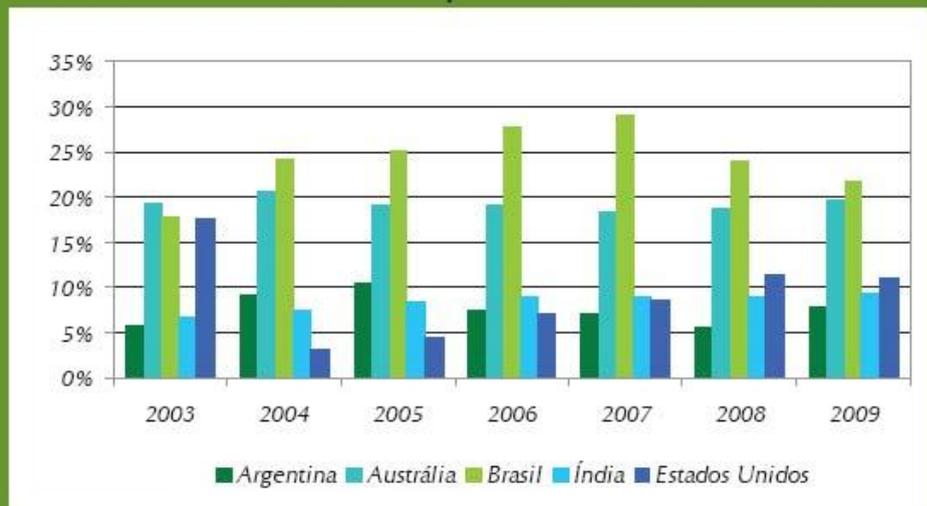
A diminuição dos embarques para o bloco europeu decorreu de inconformidades no sistema de rastreabilidade bovina, o que gerou embargo.

De acordo com o MDIC, houve queda de 44% no volume embarcado para a Europa entre 2007 e 2008.

A Rússia, principal mercado da carne bovina brasileira, também diminuiu as importações do produto brasileiro.

Figura 14:

Fatia de mercado dos maiores exportadores de carne bovina.



Fonte: USDA / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Segundo o MDIC, entre 2007 e 2009, o volume embarcado para a Rússia caiu 27%, lembrando que nem a Rússia nem a União Européia são importadores de bovinos vivos do Brasil.

Desta forma, a exportação de bovinos vivos não pode ser apontada como fator de redução das exportações de carne.

O menor volume embarcado de carne bovina brasileira se deu em função de barreiras sanitárias ou técnicas (rastreabilidade no caso da União Européia) e econômicas.

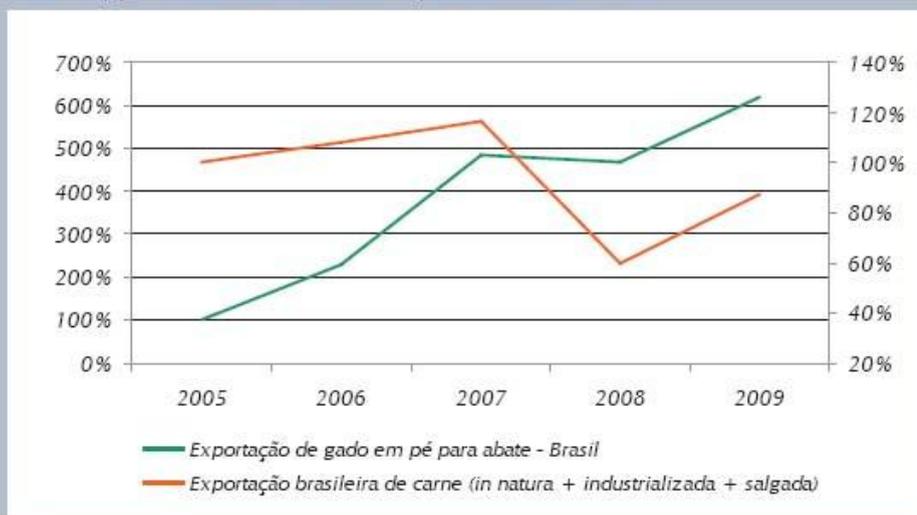
Para a Rússia, a queda dos embarques pode ser atribuída à dificuldade de crédito por parte dos importadores, além é claro da dificuldade econômica vivida pelo país com a desvalorização do petróleo.

É importante destacar que as exportações de carne para o Oriente Médio, por sua vez, cresceram 108% em volume, entre 2005 e 2009. O Brasil exporta bovinos vivos para o Líbano e para o Egito.

Nesse período, a exportação de animais em pé para o Líbano cresceu 11,26%. Em 2009, o Egito

Figura 15:

Varição das exportações de carne bovina e de bovinos vivos (em volume, período de 2005 a 2009). 2005 = base 100



Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

iniciou as compras, com mais de 8 mil animais vivos embarcados.

A variação dos embarques de bovinos para abate e dos embarques de carne seguem a mesma tendência, estando sujeitos às variações de demanda e câmbio (Figura 15), não competindo uma mercadoria com a outra.

EXPORTAÇÕES ESTADUAIS

Os principais exportadores de gado em pé são o Rio Grande do Sul e o Pará. Juntos, exportaram para o exterior, em 2009, 98,9% dos animais vivos.

A participação do Pará é expressiva, com 96,2% dos embarques brasileiros.

Em 2009, exportou 498.616 bovinos, 30,4% a mais que em 2008.

Os embarques paraenses de carne aumentaram em 14.228 mil tec (150%), indicando que as exportações de boi vivo não interferiram na venda de carne bovina.

Figura 16:

Evolução dos embarques de carne bovina e bovinos vivos no Pará (variação das quantidades embarcadas). 2005 = base 100.



Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Veja na figura 16 como se comportaram as exportações de bovinos para abate e de carne bovina do Pará.

Observe que ambas as atividades aumentaram nos últimos anos. Mas entre 2007 e 2008, com a crise, ambas registraram queda.

Isso demonstra que são atividades sujeitas a fatores semelhantes em termos de fundamentos de mercado, mas não competem entre si, tanto é que as duas linhas do gráfico são ascendentes e com aumentos expressivos no período analisado.

No Rio Grande do Sul, as duas atividades também obedecem a mesma tendência (Figura 17).



Figura 17:

Evolução dos embarques de carne bovina e bovinos vivos no Rio Grande do Sul (variação das quantidades embarcadas). 2005 = base 100.

Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

EVOLUÇÃO CONJUNTA

Além de não haver competição entre a exportação de bovinos vivos e a exportação de carne, as duas atividades promovem benefícios recíprocos para a região na qual coexistem.

A exportação de animais vivos tende a sofrer maiores exigências sanitárias e de rastreabilidade que a exportação de carne.

Com isso, para que ocorra a ampliação do mercado de animais vivos no Brasil, existe a necessidade de medidas eficientes de melhoria no controle sanitário e de rastreabilidade.

Esses incrementos de qualidade necessários para a ampliação do mercado de animais vivos também beneficiam as exportações de carne.

DEMANDA DE BOVINOS PARA CADA ATIVIDADE

O Brasil é o segundo maior produtor de carne bovina, perdendo apenas para os Estados Unidos que, por sua vez, possui um grande consumo interno, o que limita suas exportações.

A Austrália possui limitações geográficas e de clima e, mesmo assim, é um importante participante do comércio mundial de gado em pé e de carne bovina.

No Brasil, as exportações de bovinos vivos para abate somaram 518.193 cabeças em 2009. As exportações de carne bovina ultrapassaram 1.851 mil toneladas equivalente carcaça no mesmo ano.

Se considerarmos uma carcaça média de 240 kg, exportamos o equivalente

a 7,7 milhões de bovinos. O gado exportado em pé representa 6,7% deste total e rende o equivalente a 9,85% da receita com exportações de carne, miúdos e triparia.

A diferença é que aqui a agregação de valor ocorre na parte inicial e pulverizada da cadeia, o pecuarista.

O Brasil não conhece limitações físicas. Infelizmente, ao invés de assumirmos de vez a liderança no agronegócio mundial – e aqui falamos o país, não empresas se agigantando com financiamento público – focamos nossas atenções para provar que produzir não é crime, rebatendo acusações infundadas de neófitos.

Existe demanda para exportação de gado e carne, felizmente podemos atender ambas. Temos essa competência.



IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ

A atividade pecuária é de extrema importância para a economia do Pará. Ela representa a terceira principal fonte de receita do estado, atrás apenas dos setores de serviços e indústria. É responsável também por boa parte dos empregos no campo.

A exportação de gado em pé, no contexto social e econômico, aparece como uma alternativa de diversificação de serviço, investimentos em setores (por exemplo, o portuário e de insumos) sem falar na geração de postos de trabalhos.

PECUÁRIA EM NÚMEROS NO PARÁ

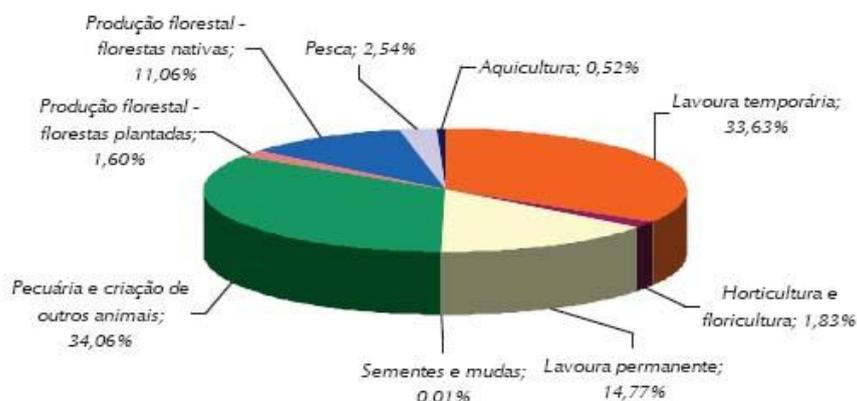
Segundo dados do IBGE, em 2009, a população do Pará era de 7.431.020 habitantes.

O estado possui 143 municípios e uma área de aproximadamente 1,25 milhão de km². A pecuária está presente em 34% dos estabelecimentos agropecuários registrados no IBGE (Figura 18).

Segundo a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (ADEPARÁ, 2009), o rebanho bovino paraense é de aproximadamente 18 milhões de cabeças, 9% do rebanho nacional. Veja na figura 19 a distribuição, por município, do rebanho bovino no Pará.

Figura 18:

Participação por atividade no número de estabelecimentos agropecuários no Pará.



Fonte: IBGE / Elaboração Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Observe a tabela 5: São Félix do Xingu é o município com o maior rebanho, 1,84 milhão de cabeças, seguido por Marabá, com 888,4 mil cabeças e Cumaru do Norte, com 753,3 mil cabeças.

PARTICIPAÇÃO DA PECUÁRIA NO PIB ESTADUAL

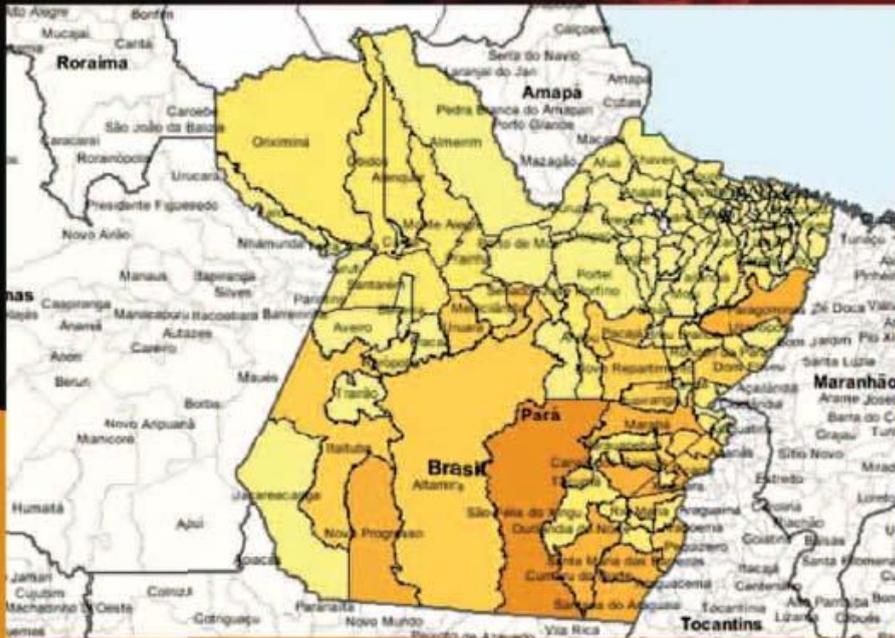
Segundo os números da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Pará

(SEPOF), o PIB paraense é de aproximadamente R\$39 bilhões.

O PIB da agropecuária (agricultura, pecuária, silvicultura e pesca) corresponde aproximadamente a 10% desse total, ou R\$3,9 bilhões.

Atualmente, a pecuária emprega no Pará, direta e indiretamente, mais de 1 milhão de pessoas.

A pecuária superou, em 2003, a agricultura e a silvicultura em participação no PIB agropecuário. Aproximadamente 68% do



Cor	De	Até	Frequência	%
Amarelo claro	0	100.000	92	84,3
Amarelo médio	100.001	200.000	25	17,5
Amarelo escuro	201.000	400.000	16	11,2
Verde claro	400.001	1.000.000	8	5,6
Verde escuro	1.000.001	2.000.000	1	0,7
Padrão de hachuras	Ausência de valores (-) ou valor desidentificado		1	0,7

Figura 19:

Distribuição do rebanho bovino no Pará – em cabeças.

Fonte: IBGE / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

PIB agropecuário paraense é relacionado a pecuária (Tabela 6).

Analisando a agricultura do Pará por subatividades temos um decréscimo considerável da produção de cereais ao longo dos anos, em especial, do arroz. Na atividade da extração vegetal também houve decréscimo, sendo o produto da madeira em tora o que mais contribui para esta redução.

No caso da pecuária de corte, acompanhando a tendência nacional, o abate de fêmeas levou a diminuição do rebanho bovino paraense entre 2005 e 2007, no entanto, ele voltou a crescer em 2008, bem como os resultados do setor.

Pará	18.009.849
São Félix do Xingu - PA	1.842.216
Marabá - PA	888.443
Cumaru do Norte - PA	753.291
Novo Progresso - PA	729.567
Santana do Araguaia - PA	593.698
Santa Maria das Barreiras - PA	571.553
Xinguara - PA	477.812
Água Azul do Norte - PA	453.885
Altamira - PA	398.244
Paragominas - PA	352.220

Tabela 5:

Rebanho bovino no Pará - dez maiores municípios em número de cabeças.

Fonte: ADEPARÁ / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Tabela 6:

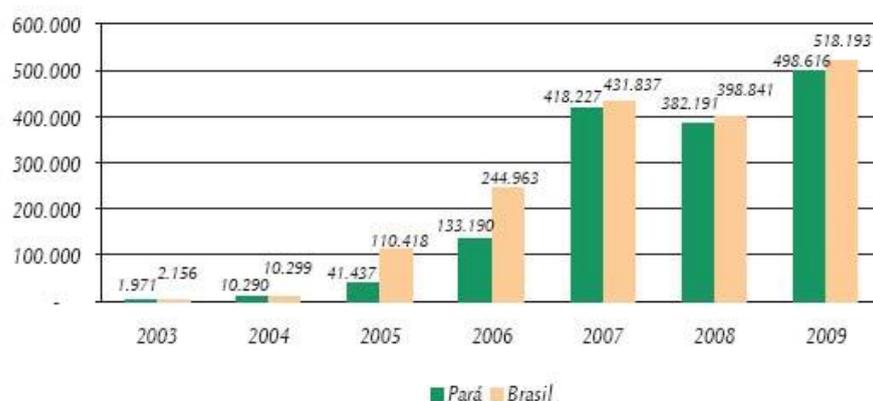
Participação por atividade no PIB do Pará – setor agropecuário entre 2002 e 2008 – em%.

Atividade	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Agricultura e silvicultura	51,2%	45,3%	37,2%	33,7%	33,0%	32,0%	31,5%
Pecuária	48,8%	54,7%	62,8%	66,3%	67,0%	68,0%	68,5%

Fonte: SEPOF / IBGE / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Figura 20:

Exportações de bovinos vivos – em cabeças.



Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ E A GERAÇÃO DE RENDA

Em 2009, as exportações de bovinos vivos a partir do Pará totalizaram 498,6 mil cabeças (Figura 20).

Desde 2005, os embarques paraenses aumentaram mais de 270%, enquanto que o incremento do faturamento, em dólares, foi de 807%. A valorização do preço médio dos animais no período foi de 222%.

Em 2009, a receita com as exportações de animais em pé do Pará somou US\$409,6 milhões. Este valor, convertido em reais, corresponde a aproximadamente 25% do PIB da pecuária do estado em 2008 (Tabela 7).

Dessa forma, é evidente que as exportações de bovinos vivos representam hoje um fator de expansão do setor pecuário em termos de geração de renda e ganhos produtivos do rebanho paraense.

O sucesso da indústria de insumos, em termos de produção, vendas, receitas e geração de empregos, está diretamente relacionado à renda da atividade.

Conforme mencionado, no caso da pecuária, se o produtor vai bem, a indústria de insumos vai bem.

Esses ganhos são convertidos em investimentos produtivos, através do uso intensivo de insumos e da adoção de estratégias de produção como, por exemplo, o sistema de integração lavoura-pecuária e a terminação de animais em confinamento.

Por fim, os ganhos para o setor são em cadeia.

As exportações de gado em pé, como alternativa de comercialização que tem gerado renda e ganhos produtivos para a pecuária de corte, em especial, no Pará, geram estímulos para investimentos e, conseqüentemente, favorecem a expansão sustentável do agronegócio pecuário, com incremento de geração de emprego e renda.

Tabela 7:

Participação da receita com as exportações de gado em pé do Pará no PIB da pecuária do estado.

Ano	PIB Agropecuária (milhões de R\$)	PIB Pecuária (milhões de R\$)	Exp. gado em pé (milhões de US\$)	Dólar (média anual)	Exp. gado em pé (milhões de R\$)	Exportação/ PIB Pecuária
2005	3.157	2.095	14,8	R\$2,44	36,2	1,73%
2006	3.664	2.455	45,1	R\$2,18	98,3	4,01%
2007	3.804	2.586	255,8	R\$1,95	498,9	19,29%
2008	3.900	2.671	358,7	R\$1,84	658,5	24,65%
2009	-	-	409,6	R\$1,99	818,1	-

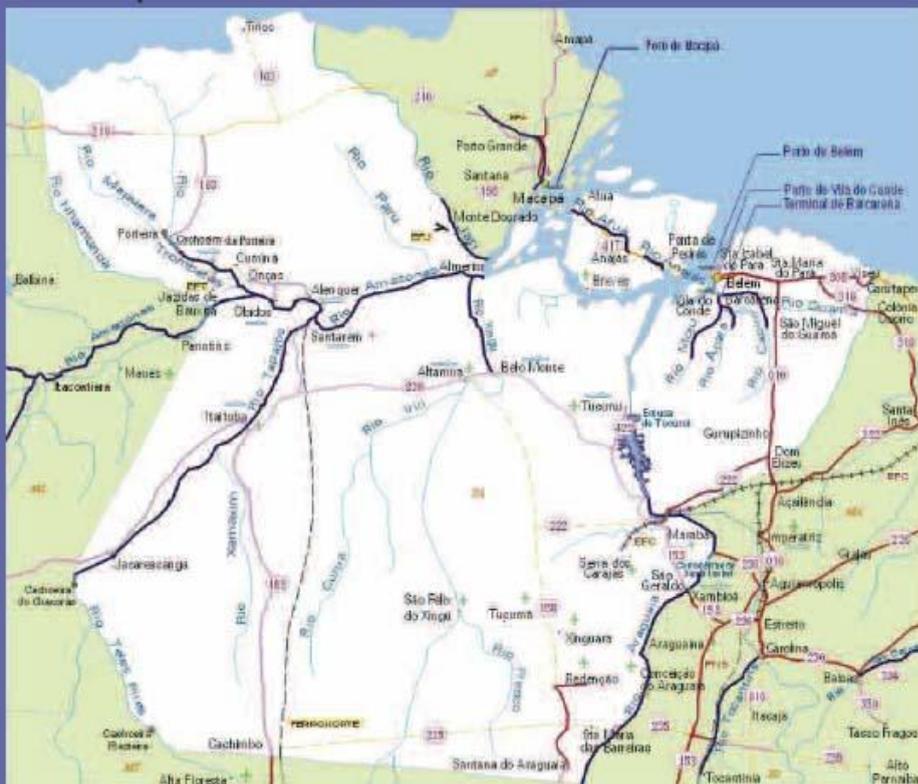
* em relação ao PIB da pecuária em 2008

Fonte: SEPOF / IBGE / MDIC / Elaboração Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

OS GANHOS DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ COM AS EXPORTAÇÕES DE ANIMAIS VIVOS

Figura 21:

Estrutura portuária do Pará.



Fonte: Mapas Brasil

movimentação, aproximadamente, 15 milhões de toneladas de carga por ano, sendo cerca de 220 mil toneladas referentes à exportação de gado vivo.

Muitos fatores transformam Vila do Conde em uma eficiente ligação da região com os clientes internacionais. Entre eles, privilegiado posicionamento geográfico, grande extensão de frente acostável, fácil

acesso marítimo, fluvial e rodoviário, ampla disponibilidade de áreas para expansão, reduzidos custos com manutenção e infraestrutura e a total integração entre porto e os municípios vizinhos (Tabelas 8 e 9).

ASPECTOS ECONÔMICOS

A representatividade da exportação de animais vivos tem crescido no

Comprovadamente, a exportação de gado vivo tem trazido benefícios ao Pará, além de favorecer a balança comercial brasileira.

Neste capítulo, abordaremos os ganhos com a exportação de animais vivos no Pará.

SITUAÇÃO PORTUÁRIA

O Pará conta com dois portos marítimos: o Porto de Belém, na capital, e o Porto de Vila do Conde, no município de Barcarena, à margem direita do Rio Pará, que são os principais acessos aos países importadores de animais vivos (Figura 21).

O estado conta também com portos fluviais. O único a movimentar animais vivos foi o porto fluvial de Santarém, mas essa movimentação ocorreu somente em 2008.

Atualmente, o Porto de Belém movimenta aproximadamente 1 milhão de toneladas de carga por ano, sendo cerca de 30 mil toneladas referentes à exportação de gado vivo.

O Porto de Vila do Conde é a principal via de escoamento para a exportação de gado vivo e

Tabela 8:

Participação por porto no total de gado exportado pelo Pará em 2008.

Porto	Participação
Belém	15,63%
Altamira	0,00%
Miramar	0,00%
Itaituba	0,00%
Vila do Conde	84,09%
Óbidos	0,00%
Santarém	0,29%
Outeiro	0,00%

Fonte: Companhia de Docas do Pará / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Tabela 9:

Evolução da participação do volume das exportações de gado em pé sobre o total exportado pelo Pará.

Ano	%
2005	0,77%
2006	1,20%
2007	2,80%
2008	2,30%
2009	2,83%

Fonte: Companhia de Docas do Pará / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

que diz respeito ao faturamento e ao volume, conforme descrito.

Para o pecuarista, significa uma arroba mais valorizada, pois aumenta a competição.

A prova disso é apresentada na figura 22. Veja o comportamento da diferença do preço do boi gordo no Pará em relação ao de São Paulo, que é o estado balizador do mercado do boi gordo.

Nos últimos anos, o boi paraense tem ganhado valor em relação ao paulista.

Esse ganho é convertido pelo pecuarista em investimentos produtivos, através do uso intensivo de insumos e de estratégias produtivas que antes não eram consideradas aplicáveis ao Pará, como a terminação de animais em confinamentos, por exemplo.

Observe, na figura 23, a evolução da lotação animal/área e da taxa de desfrute no Pará.

A partir de 2002, ano que marcou o início da exportação de gado vivo no estado, os índices melhoraram significativamente em relação aos valores registrados em 2002. A melhor rentabilidade trouxe investimentos à região.

Mesmo com a crise em 2005 (febre aftosa no Mato Grosso do Sul) e a redução do rebanho a partir de

Figura 22:

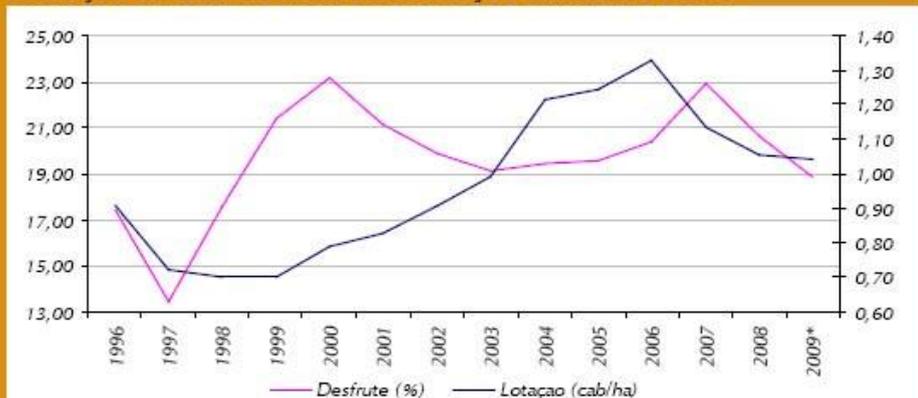
Diferença de preço do boi gordo no Pará em relação a São Paulo.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Figura 23:

Evolução da taxa de desfrute e lotação animal no Pará.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

então, a taxa de lotação ainda é 15% mais alta do que os níveis pré-exportação.

Hoje existe até mesmo o pagamento de ágio sobre o animal exportado vivo, que varia entre R\$1,00 e R\$2,00 por arroba.

O peso da boiada é obtido no porto, através da pesagem na balança da carreta vazia e, logo em seguida, carregada com os animais.

Sendo assim, os preços de Paragominas (área mais próxima ao porto de Belém e ao porto de Vila do Conde) têm valores mais altos e mais próximos aos de São Paulo (Figura 24).

Em função da exportação de bovinos vivos, o rebanho de Paragominas é o mais valorizado do estado.

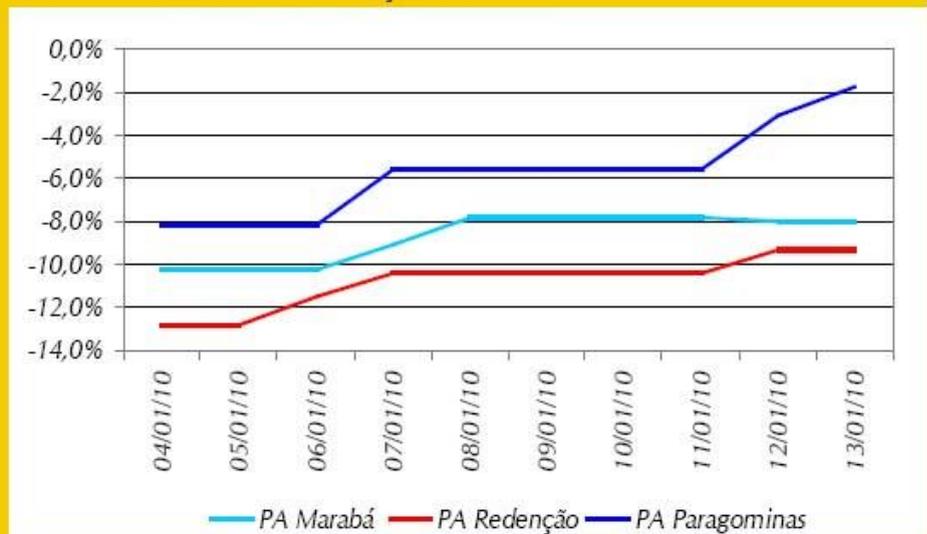
Além das vantagens mencionadas, a atividade reduz o impacto de fatores não atinentes ao mercado que podem acabar prejudicando os preços.

Sendo assim, o efeito da crise que atingiu a economia mundial no final de 2008 foi menos intenso no Pará.

Dados da Scot Consultoria mostram que, levando em conta o preço da arroba em janeiro de 2009 e em janeiro de 2010, as praças que apresentaram quedas maiores do que 10% foram Santa Catarina (14,0%), Belo Horizonte – MG (12,3%), Goiânia – GO (11,2%) e São Paulo (10,3%).

Figura 24:

Diferenciais de base em relação a Barretos – SP.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Tabela 10:

Diferencial de base em relação a São Paulo.

Cidade	Diferencial de base em 12/01/2009
Paragominas	-5,62%
Marabá	-7,79%
Redenção	-10,39%

Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br



No Pará, a desvalorização média foi de apenas 1,8%, uma das menores registradas no país.

Vamos analisar alguns números:

Consideremos apenas as microrregiões de Paragominas e Altamira, uma próxima ao porto de Santarém e outra próxima à Belém.

Juntas, estas duas microrregiões paraenses reúnem 15 municípios, com um rebanho estimado em 3,16 milhões de animais, sendo 1,31 milhão na região de Paragominas e 1,85 milhão na região de Belém (ADEPARÁ).

Considerando o desfrute médio paraense, apenas estas duas regiões disponibilizariam 600 mil animais para abate, no Brasil ou no exterior.

E não é que esse número já ultrapassa o exportado pelo Brasil em 2009?

Apenas duas microrregiões paraenses supririam toda a demanda de exportação de animais vivos do país inteiro.

Supondo que, para cada bovino vivo destinado à exportação, o pecuarista receba um ágio de R\$2,00/@, em relação ao valor corrente. Para cada boi de 16,5@ (média de peso do gado paraense

exportado em 2009 foi de 497kg por cabeça) temos um ganho de R\$33,00, por cabeça.

Essa receita extra, proveniente desta opção de venda, pode ser usada para a adoção de tecnologia como, por exemplo, a IATF (Inseminação Artificial em Tempo Fixo).

Seja este ou outro o destino do investimento feito pelo pecuarista, a produtividade tende a aumentar.

Com mais tecnologia, estimamos que haja incremento do desfrute na região. Estimando conservadoramente um aumento de dois pontos percentuais, chegando aos 21%.

Só dessa evolução de desfrute, teríamos mais 66,3 mil cabeças terminadas anualmente. Lembrando que esta projeção está sendo feita com base apenas no rebanho das regiões de Paragominas e Altamira (17,5% do rebanho do estado).

Se extrapolarmos o incremento de produtividade para o estado do Pará, o que não é absurdo, pois a competição pelo boi está valorizando o rebanho paraense, temos um aumento de 380 mil animais/ano (73% da exportação nacional de gado em pé em 2009).

Mais da metade do exportado em 2009 – apenas com incremento de produção pela melhora no desfrute.

Vale ressaltar que o rebanho paraense tem crescido. Tal crescimento é fortemente influenciado pela exportação de animais vivos e conseqüente valorização do rebanho paraense.

Essa expansão do rebanho melhora a disponibilidade de animais, tanto para exportação quanto para abate doméstico.

Se a exploração pecuária não for rentável, é substituída por outra atividade agrícola. A exportação de bovinos vivos incrementa a pecuária e fixa o homem no campo, pois permite uma alternativa de venda ou de renda.

Desse modo, incrementando e consolidando a pecuária existente, a exportação de bovinos vivos, indiretamente favorece a indústria local e doméstica, pois perpetua o fornecimento de bovinos, através do fortalecimento da pecuária como um todo, e não com um só fim.

A exportação de gado em pé é um estímulo, com ganhos para toda a pecuária.

MITOS E FATOS

Mito: O comércio de bovinos vivos é cruel e é frequente o óbito de animais em trânsito.

Fato: O comércio e o transporte de animais vivos são comuns e correntes no Brasil e no restante do planeta, nada tendo de cruel. A taxa de óbitos é pequena, menor do que os índices zootécnicos médios apurados em criatórios ou fazendas.

Não é do interesse dos exportadores e transportadores de gado a morte e o maltrato dos animais.

Exportadores são pagos em cima do peso vivo total ou quantidade de animais descarregados no porto de destino ou no frigorífico ou fazenda de destino.

Dessa forma, é do interesse dos exportadores assegurar que todo o estoque pago antecipado esteja nas mesmas, se não em melhores condições quando entregues aos compradores.

Todos os aspectos do projeto do navio, tamanho da baía, densidade viva, alimentação, água, suprimento de ar, iluminação e gerenciamento são definidos e controlados por legislação pertinente.

Mito: O comércio de exportação de gado tem mortalidade alta.

Fato: O enfoque da atividade e o compromisso na diminuição das taxas de mortalidade para o gado exportado são demonstrados pelo declínio e melhorias nas taxas de mortalidade nos últimos anos.

A taxa de mortalidade, considerando a média dos últimos anos, é de menos de 1%. Hoje, de acordo com dados das seguradoras (o animal exportado vivo é segurado), esse valor é inferior a 0,5%.

Na Austrália, por exemplo, a taxa de mortalidade para as exportações de gado vivo é de 0,11%. O Brasil caminha para essas taxas através de melhorias em infraestrutura e fiscalização.

Mito: O comércio de exportação de gado custa empregos nas regiões produtoras.

Fato: O presente trabalho mostrou que os ganhos com a exportação de bovinos vivos superam as perdas, caso estes animais fossem abatidos no país.

Estes ganhos são observados em praticamente todos os demais elos da cadeia.

A atividade oferece empregos para os fornecedores subordinados e serviços tais como agentes de gado, operadores de transporte, exportadores e companhias mercantes. Também beneficia as empresas de pastagem, forragem, nutrição, fornecedores de produtos químicos, veterinários, vendedores, criadores, empresas portuárias, além dos setores de finanças e de seguro.

A “competição” entre exportadores e processadores de carne resulta em preços mais altos para o pecuarista. É dinheiro que fica no campo e não na cidade.

Mito: A exportação de animais vivos pode ser substituída pelo envio de carne resfriada ou congelada.

Fato: O comércio de exportação de gado atende clientes/mercados totalmente diferentes - além do já existente mercado de carne resfriada e congelada.

Quem importa animais vivos quer comprar o gado vivo e não está disposto a levar o produto resfriado ou congelado, seja por questões religiosas ou culturais ou simplesmente por falta de infraestrutura de armazenamento e refrigeração.

CONCLUSÃO



A exportação de gado em pé é apontada por seus detratores como um empecilho para o desenvolvimento da pecuária de corte do país, em especial, nas regiões de maior representatividade.

Os principais protestos são com relação à redução do potencial de valor agregado para o mercado interno, geração de empregos e o sofrimento dos animais durante o transporte.

Não é verdade. Esse mercado, no qual o Brasil tem se destacado, é na verdade, um agregador de valor para a cadeia pecuária.

A questão da indústria de insumos foi destacada, pois é o elo da cadeia que mais agrega valor, sem falar nos ganhos produtivos para a pecuária de corte. E a indústria de insumos vai bem, quando o pecuarista, o homem do campo, vai bem.

A competição entre as exportações de bovinos vivos com as exportações de carne é benéfica. O volume de gado em pé frente às exportações brasileira de carne bovina é irrisório. Essa competição favorece diretamente o criador, pois agrega valor à criação. A transferência de renda é imediata, direta.

Analisando separadamente a questão do Pará, maior exportador, deparamo-nos com um cenário que contribui para o escoamento da produção e manutenção dos preços.

Caso estes animais fossem abatidos no próprio estado, o destino do produto, a carne, seria a exportação para o mercado interno ou externo, uma vez que o Pará produz muito mais do que consome.

Ficou bastante clara também a importância das exportações de gado em pé nos contextos sociais e econômicos do Pará.

Aí estamos falando de geração de emprego e participação no PIB. Uma atividade comercial que corresponde a aproximadamente 25% do PIB da pecuária estadual (no caso do Pará) não pode ser desprezada, nem considerada uma ameaça para a pecuária de corte.

Ampliação de mercado significa concorrência e oportunidade de preços melhores, principalmente, para o pecuarista que é quem mais ganha com tudo isso. Essa questão é evidente através da comparação dos preços da arroba no Pará com São Paulo.

Os ganhos também vêm através de melhorias na infraestrutura, por exemplo, portuária.

O que realmente é preciso é a FISCALIZAÇÃO pelos órgãos competentes, para que os protocolos exigidos para a exportação de bovinos vivos sejam cumpridos. Essa fiscalização é benéfica pois atende a preocupação com relação ao bem-estar animal e sanidade. E, permite a perenidade do negócio, afastando aventureiros e incompetentes.

A mortalidade durante o transporte é uma objeção das correntes contrárias à exportação de bovinos vivos. Objeção sem sentido, pois o índice de mortalidade nesse tipo de negócio é semelhante ao das fazendas brasileiras. De acordo com números das seguradoras que prestam serviço às empresas exportadoras de gado vivo, esse índice varia entre 0,5% e 1% (casos extremos) e não 10% como querem alguns.

Mesmo porque com 10% de perdas, o negócio é inviável economicamente.

Diante do que foi exposto, fica a seguinte questão: será que novas alternativas de comercialização, como as exportações de gado em pé, não são formas de diversificação e diminuição de riscos na atividade?

Será que toda a contribuição gerada para a economia e sociedade em geral não deve ser levada em consideração, inclusive, para o desenvolvimento sustentável do agronegócio pecuário, com mais geração de emprego e renda?

Deve ser considerado ainda o fato de que os críticos consideram o rebanho

paraense como mais um, uma parcela do total. No entanto, para mais de sete milhões de habitantes daquele estado, o rebanho do Pará, é O Rebanho. O único que produz empregos e renda, direta ou indiretamente.

Demanda existe.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agentes-chave do setor.

Agência de Defesa Agropecuária do Pará – ADEPARÁ. Disponível em: <www.adepara.pa.gov.br> Acesso em janeiro de 2010.

BERNARDINO DE CARVALHO, T.; BACCHI, M. R. P. Estudo da elasticidade-renda da demanda de carne bovina, suína e de frango no Brasil. Londrina, 2007

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br> Acesso em Janeiro de 2010.

Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB. Disponível em: <www.conab.gov.br> Acesso em janeiro de 2010.

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - United States Department of Agriculture - USDA. Disponível em: <www.usda.gov> Acesso em janeiro de 2010

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - United States

Department of Agriculture - USDA. Livestock and Poultry: World Markets and Trade. Outubro de 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) 2008. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em janeiro de 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares (2003). Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2002/pof200220032aed.pdf> Acesso em janeiro de 2010.

Institutos de Desenvolvimento Social e Ambiental do Pará - IDESP. Disponível em: <www.idesp.pa.gov.br> Acesso em janeiro de 2010.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC. Dados de exportação e importação. Disponível em: <www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br> Acesso em: janeiro de 2010.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC. Disponível em: <www.mdic.gov.br> Acesso em janeiro de 2010.

SCOT CONSULTORIA. Banco de dados da empresa.

SCOT CONSULTORIA. Vantagens e mais vantagens da exportação de gado em pé. Carta Boi, Edição 86, dezembro de 2009.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Pará – SEPOF. Produto Interno Bruto. Disponível em: <www.sepof.pa.gov.br> Acesso em janeiro de 2010.

Secretaria Especial de Portos – Companhia de Docas do Pará. Disponível em: <www.cdp.com.br> Acesso em janeiro de 2010.



17 3343 5111

www.scotconsultoria.com.br

scotconsultoria@scotconsultoria.com.br

Caixa postal 14, Bebedouro - SP, 14700 - 970